

PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E A CULTURA DE CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE: RELEITURAS TEÓRICAS E A NOÇÃO HEGEMÔNICA DO QUE É SER MULHER

SOCIALIZATION PROCESSES AND THE CULTURE OF CONSTRUCTING FEMININITY: THEORETICAL RE-READINGS AND THE HEGEMONIC NOTION OF WHAT IT MEANS TO BE A WOMAN

PROCESOS DE SOCIALIZACIÓN Y CULTURA DE CONSTRUCCIÓN DE LA FEMINIDAD: RELECTURAS TEÓRICAS Y NOCIÓN HEGEMÓNICA DE LO QUE SIGNIFICA SER MUJER

Layane das Neves Silva¹  Marcelo Vinicius Costa Amorim² 

Resumo: Esta pesquisa visa a discutir a concepção de feminino, no sentido de apreender os processos relacionados à construção da subjetividade feminina. Sendo um estudo de método qualitativo, é efetuado um debate teórico entre perspectiva psicanalítica e teoria feminista. Objetivou-se explorar as distintas perspectivas sobre os processos de socialização que se resultam na subjetivação feminina. A partir de certa perspectiva fundamental da psicanálise, acionamos algumas interpretações possíveis sobre certa tradição do que é ser mulher no mundo contemporâneo. Pelo viés feminista, problematizamos as forças sociais que tendem a naturalizar o lugar da mulher. Nossos resultados mostram a construção do aspecto feminino enquanto subjetividade esvaziada, essa se dá via relação com o outro, promovendo sentimento de débito, falta. A feminilidade termina por ser um desdobramento de uma socialização perversa contra a mulher, colocando-a em lugar de desvalor. Naturaliza-se a noção de cuidadora, um corpo sempre a serviço do outro.

Palavras-chave: Socialização; Subjetividade; Feminilidade.

Abstract: This research aims to discuss the concept of the feminine, in order to understand the processes related to the construction of female subjectivity. As a qualitative study, a theoretical debate is held between the psychoanalytic perspective and feminist theory. The aim was to explore the different perspectives on the socialization processes that result in female subjectivity. From a certain fundamental perspective of psychoanalysis, we set in motion some possible interpretations of a certain tradition of what it is to be a woman in the contemporary world. From a feminist perspective, we problematize the social forces that tend to naturalize the place of women. Our results show the construction of the feminine aspect as an emptied subjectivity, which occurs via the relationship with the other, promoting a feeling of debt and lack. Femininity ends up being an offshoot of a perverse socialization against women, placing them in a devalued position. The notion of a carer is naturalized, a body always at the service of others.

Keywords: Socialization; Subjectivity; Femininity.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo discutir el concepto de lo femenino para comprender los procesos relacionados con la construcción de la subjetividad femenina. Como estudio cualitativo, se realiza un debate teórico entre las perspectivas psicoanalíticas y la teoría feminista. El objetivo era explorar las diferentes perspectivas sobre los procesos de socialización que dan lugar a la subjetividad femenina. Desde cierta perspectiva fundamental del psicoanálisis, ponemos en marcha algunas posibles interpretaciones de cierta tradición de lo que es ser mujer en el mundo contemporáneo. Desde una perspectiva feminista, problematizamos las fuerzas sociales que tienden a naturalizar el lugar de la mujer. Nuestros resultados muestran la construcción de lo femenino como una subjetividad vaciada, que se da a través de la relación con el otro, promoviendo un sentimiento de deuda y carencia. La feminidad acaba siendo un vástago de la socialización perversa contra las mujeres, colocándolas en un lugar de desvalorización. Se naturaliza la noción de cuidadora, un cuerpo siempre al servicio del otro.

Palabras clave: Socialización; Subjetividad; Feminidad.



¹Graduada em Psicologia. Faculdades Integradas da América do Sul – INTEGRA, Caldas Novas, Brasil. layaneneves23@gmail.com

²Doutor em Estudos da Linguagem. Universidade Federal de Catalão, Instituto de Biotecnologia - IBIOTEC, Catalão, Brasil. Faculdades Integradas da América do Sul – INTEGRA, Caldas Novas, Brasil. morimpsi@gmail.com

Introdução

Este estudo tem como tema a discussão sobre os processos relacionados à construção da subjetividade feminina. Basicamente, analisam-se aspectos teóricos fundamentais relativos à socialização e construção da mulher contemporânea. Em outras palavras, interessa-nos investigar via diálogo entre conceitos, fatores sociais e resultados de socialização inerentes à subjetividade marcada pela feminilidade.

Ao longo da vida vivemos e reproduzimos modelos de comportamento que acreditamos que ser realmente quem nós somos. Uma reprodução que está diretamente ligada à forma como a sociedade se organiza, a soma dos papéis sociais resulta em quem somos, ou quem tentamos ser. Pode-se pensar que na maior parte das vezes, para as mulheres em específico, envolve violências e uma renúncia de si própria no que tange à questão de sua autonomia.

A psicanálise faz uma importante contribuição à compreensão do que pode ser o feminino, uma perspectiva para se estudar e formular considerações sobre o que está envolto no processo de subjetivação feminina. O pensamento freudiano promoveu lugar de escuta do sujeito do inconsciente, em certa medida, abriu espaço de escuta para as mulheres no que concerne à sua sexualidade. Foco no feminino, enquanto nuance de certas subjetividades, ou seja, destaque para aspectos presentes no desenvolvimento de tornar-se sujeito, movimento muito notório ao colocar as mulheres como sujeitos desejanter (Verceze, Cordeiro; 2019).

Contudo, Freud ainda era um homem de seu tempo colocando em sua teoria vestígios de estigmas que são presentes na sociedade e que a fundamentam até os dias de hoje. Depois de Freud temos outros autores como Lacan, esse traz novas contribuições importantes para pensarmos o feminino (Verceze, Cordeiro; 2019). Contudo, discutir a noção do feminino entre Freud e Lacan extrapola as pretensões de nossa pesquisa³. Tentamos construir nossas reflexões por outra via.

Para refletirmos sobre o processo de subjetivação e socialização das mulheres, precisamos olhar para a sociedade, sua estrutura e suas “ofertas” de função e o papel social para as mulheres se situarem. Somos constituídos primeiramente pelo outro, portanto, a nossa intenção será primeiro olhar para esse “Outro” e o que está envolto nesse processo de forma objetiva, a fim de tentar compreender como esse influencia e molda os padrões de comportamento, pensamento e ser do que é considerado do papel do feminino socialmente (Zanello, 2022).

No livro *O Ponto zero da revolução*, Silvia Federici (2019) explora a noção de que dentro do capitalismo a função das mulheres é determinante para a feminilidade, as suas funções de trabalho, como a reprodução e o trabalho doméstico, por exemplo. Naturaliza-se essas atuações e produz-se um papel fundamental e inerente, a ser exercido. Por outro lado, existem discursos e relações sociais estabelecendo como verdade o “instinto materno”, por exemplo, como um objetivo de vida que precisa ser seguido. As mulheres são envolvidas em uma trama cultural para que se sintam felizes e completas construindo suas famílias tradicionais, seguindo o estereótipo de mães donas de casa, tornando-se, assim, uma questão individual e não coletiva (Federici, 2019).

Nesse sentido, é necessário refletir sobre o papel da Psicologia na sociedade, segundo o Código de Ética (CFP, 2014), o exercício da profissional exige uma contínua reflexão sobre o contexto social, coletivo e individual. Faz-se essencial evidenciar alguns dos princípios fundamentais que embasam a atuação do profissional da Psicologia.

Parafraseando o código supracitado, o profissional de psicologia deve atuar para promover a liberdade, fomentar a igualdade e integridade humana segundo premissas dos Direitos Humanos. Assim, construir espaços e discussões que apoiam qualidade de vida e saúde para as coletividades se faz fundamental⁴. Em certo sentido, para atuar com responsabilidade, a Psicologia deve estar na constante reflexão a respeito de fatores sociais, históricos, políticos e culturais.

É justamente valorizando tais aspectos que buscamos, nesta pesquisa, compreender melhor questões sobre a feminilidade e a mulher no mundo atual. Consequente nossa **justificativa** se entrelaça com a atuação ética do profissional de psicologia. Conhecer melhor a realidade da mulher é subsidiar intervenções mais

³A quem se interessar em um debate exclusivo nos limites da psicanálise, o trabalho de Zafiroopoulos (2009) se debruça exclusivamente sobre a noção de feminilidade entre Freud e Lacan, disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200002&lng=pt&nrm=iso>.

⁴O leitor deste trabalho pode acompanhar o Código de Ética na íntegra pelo site do Conselho Federal de Psicologia, disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%8Idigo-de-%C3%89tica.pdf>

promissoras.

É sabido que a Psicologia atua em diversas áreas como clínica, social, escolar, hospitalar, entre outros, por isso, essa ciência plural se ocupa em estudar diversos aspectos do que diz respeito ao ser humano como seu desenvolvimento biopsicossocial. A depender do tema que a pesquisadora em psicologia se ocupar, diferentes articulações teóricas podem ser acionadas. Em nosso caso, dialogamos com a psicanálise, com teóricas feministas e com certa perspectiva sociológica. Neste trabalho, vamos explorar a partir do caminho de reflexão teórica a constituição do feminino e como uma atuação profissional crítica permite reflexões e intervenções que promovam a autonomia e a consciência das mulheres.

Nosso objetivo geral é relacionar concepções teóricas sobre as formas como a mulher é construída, sua relação com o outro e consigo mesma dentro da cultura ocidental contemporânea. Como objetivos específicos visamos: a) identificar como o campo teórico psicanalítico aborda elementos específicos de socialização que dizem respeito à feminilidade; b) relacionar o viés psicanalítico com outras perspectivas que se debruçam sobre a subjetividade marcada pelo gênero feminino; c) apresentar como o debate conceitual pode evidenciar implicações e/ou impedimentos da autonomia da mulher dentro da cultura contemporânea.

Fundamentação teórica

Olhar psicanalítico

A construção subjetiva do ser humano se organiza a partir do Outro; quando nascemos, nossas mães “enganam” a única certeza que temos da vida, a morte. Segundo Kuss (2021), nascemos prontos para morrer e é a figura materna, principalmente, que vai fazendo o movimento de construção do significado da vida a partir de si e direcionada para a criança, esse significado se constrói pelo afeto e pela linguagem, nomeando e dando significados ao que a criança apresenta e, assim, a partir da vivência do outro a criança constitui seu próprio ego ao longo do tempo.

O nascimento representa um desamparo inerente à vida humana, já que nascemos prontos para morrer e toda a nossa vida será no movimento contrário a esse momento inevitável. Essa dinâmica de vida faz com que procuremos coisas e afetos na tentativa de nos curarmos do desamparo inicial. Com isso, ao longo da história, a sociedade se constitui sob essa tentativa de restituição da falta, do momento em que seremos protegidos e supridos novamente (Kuss, 2021).

Sintetizando a perspectiva psicanalítica, Kuss (2014, p. 68) escreve que:

A psicanálise se mostra sempre em busca de novos saberes e elaborações sobre a vida amorosa. Se por um lado considera as mudanças que acontecem nas relações entre homens e mulheres em nossos tempos, por outro lado ela nos demonstra que a subjetividade, seja ela feminina ou masculina, é determinada pela pulsão e pelo inconsciente, que é a partir daí que o ser humano se constitui como homem ou mulher.

Um conceito importante para a construção da personalidade para a Psicanálise é o complexo de Édipo, que resulta em uma castração, a qual vai tentar dar conta de como meninos e meninas aprendem os limites do que é possível e impossível, a partir dessa forma mais primitiva de manifestação da sexualidade, a qual faz parte do desenvolvimento psicosssexual dos sujeitos. Logo, esse processo nos meninos e nas meninas ocorreria de forma um pouco distinta (Freud, [1924] 2011).

Durante a fase fálica, que acontece por volta dos 3 aos 5 anos, o complexo de Édipo se estrutura da seguinte forma, até esse momento da vida a mãe foi a principal figura que simbolizava o afeto e a satisfação dos desejos dessa criança. Então, nesse caso, o menino começa a sentir uma rivalidade com o pai, que de maneira simbólica significa aquela pessoa com quem a criança tem que dividir a mãe, isso gera um medo na criança, que segundo pensamento freudiano, implica o medo da castração, ou seja, medo de perder seu lugar de prioridade da mãe. A partir disso, como tentativa de resolução do problema, não sendo possível eliminar o pai, a criança passa a se identificar com o pai e internalizar normas e valores sociais que só são compreendidos a partir de regras da cultura que refletem a sociedade (Freud, [1924] 2011).

No caso das meninas, seu interesse nessa fase é voltado para o pai, pois, de alguma forma, ela percebe que esse é diferente dela, ou seja, de alguma forma lhe falta algo que vai ser trazido, como “inveja do pênis”. Nesse sentido, as mulheres seriam sujeitos de uma falta mais evidenciada do que nos meninos (Freud, 1924). A resolução desse conflito aconteceria após esse período, quando a menina se voltaria para a mãe, ao se

identificar mais com ela, introjetando valores morais e regras sociais a partir dessa figura feminina de identificação.

Para além da Psicanálise, precisamos conceber outras formas de compreensão da sociedade, pensando em uma maneira um pouco menos subjetiva. A perspectiva social se torna um grande alicerce para uma visão crítica e ampla, que conta sobre moldes de organização coletivos. Analisando assim, vê-se como o coletivo e o psíquico individual performam modos de vivência.

Compreender e considerar esses aspectos contribui para o exercício ético da Psicologia, onde quer que o profissional esteja. Aspectos sociais e psicológicos se relacionam de forma difusa, isto é, um depende do outro. A Psicologia participa nesse processo complexo como ciência que se propõe ou tenta oferecer amparo a um sofrimento inerente à vida humana que, ao ser entrelaçada ao capitalismo, cria formas de “soluções” vazias, construindo teias que embaraçam nosso sofrimento, das quais participamos de forma cega e alienada.

Perspectiva psicossocial

A forma de organização da sociedade é baseada no Economicismo (Fraser, 2009), dessa forma, o capitalismo organizado pelo estado usa o poder público para regular a economia de acordo com seus interesses, compondo um estado que produz formas de injustiça social e desigualdades de classes. Dentro desse sistema, as formas de subjetivação dos sujeitos são perpassadas por diversos fatores que vão contribuir para a perpetuação dessa organização, sendo a mulher e o corpo feminino, por exemplo, um capital (Zanello, 2022).

Dessa forma, o Estado pode ser entendido como figura que representa o capital, o poder, o coletivo, “o verdadeiro Homem que se beneficia do trabalho doméstico” (Federici, 2019, p. 27). Ao longo da história, movimentos feministas foram fundamentais para o reconhecimento das formas de trabalho feminino, assim no capitalismo, como já dito anteriormente, o corpo feminino é umas das formas de produzir mais capital. Posto isso, a reprodução e o trabalho doméstico se trata de uma forma de produção de mão de obra. De tal modo, apesar de na sociedade atual as mulheres terem conseguido uma abertura no mercado de trabalho, sua função social é dobrada, pois além de ter que dar conta dos cuidados da casa e dos filhos, é necessário trabalhar fora para se manter financeiramente.

Nas considerações de Souza *et al.* (2023), encontramos como o imaginário social é construído com o entendimento de que as mulheres são responsáveis pelo cuidado da casa e de outras pessoas. Nesse sentido, quando algum familiar precisa de cuidados, por exemplo, é subentendido que uma mulher se disponibilize para atender aos cuidados com aquela pessoa necessitada, independente se a cuidadora, *a priori*, deva renunciar aos sonhos e à sua vida.

Para Souza *et al.* (2023) existe a construção cultural a qual as mulheres sempre são figuras de cuidado, enquanto os homens são incitados a se abdicarem de tal atividade, pois seu papel social não possui sentidos atrelados sobre responsabilidade com o cuidado do outro. Existe uma certa “obrigatoriedade” nos meandros de nossa cultura para que a autonomia das mulheres seja tolhida em prol de uma dívida com o cuidado dos outros.

Há algumas pesquisas que vão demonstrar essas diferenças sociais a partir de dados do IBGE⁵. Em 2022, foi observado que em média as mulheres passam 9,6 horas a mais que os homens realizando atividades domésticas ou atividades de cuidado com outras pessoas.

Segundo Zanello (2022, p. 69), “os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar os homens”, isso significa que as mulheres e homens passam por processos de subjetivação diferentes na sociedade, os quais fazem com que suas relações interpessoais ocorram de formas e motivos diferentes.

Introduzindo o conceito de “dispositivo amoroso”, Zanello (2022) argumenta e exemplifica como as mulheres são educadas, ou melhor, adestradas para se adequarem a uma imagem e comportamento esperados. Dessa forma, independente de ela cumprir ou não esse roteiro, a mulher no mundo contemporâneo tem sua vivência entrecortada por distintas violências. A noção de dispositivo amoroso é, na

⁵Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=A%20divis%C3%A3o%20das%20tarefas%20dom%C3%A9sticas,realiza%C3%A7%C3%A3o%20nas%20cinco%20Grandes%20Regi%C3%B5es>

verdade, a representação do complexo de forças sociais que impelem as mulheres a um ciclo de sofrimento e de desvalorização de si (Zanello, 2022). O que se vê, em nossa sociedade ocidental, são homens e mulheres que possuem papéis sociais diferentes e isso tem implicado uma subjetivação pautada na assimetria de poder e importância.

Para mulher, resta o lugar de desimportância, ou, simplesmente, a de coadjuvante cuidadora dos protagonistas da vida cotidiana. Em uma revisão criteriosa sobre o aspecto do cuidado reservado exclusivamente para as mulheres, Souza *et al.* (2023, p. 7) reúne inúmeras considerações teóricas para fortalecer que:

A mulher cumpre o papel social feminino imposto pelo cisheteropatriarcado ao aceitar e validar o contexto histórico e cultural, que a coloca como responsável pelo cuidado dos membros familiares. Durante a socialização, ela está exposta à prática de cuidar, ao observar sua mãe e outras mulheres da família cuidando, e, assim, percebem o cuidado como algo exclusivo do gênero feminino e não o questionam quando imposto a si.

À vista disto, as mulheres são “construídas” para acreditarem que o sonho de suas vidas é serem mães, eis a “verdade”, processos de socialização e construção de sua realidade. Ser mãe seria a única forma possível de uma vida realizada e feliz. Esse dispositivo pode ser chamado de “dispositivo materno”, assim, ser mãe faz parte da identidade de ser mulher pelo ideário social (Zanello, 2022).

Métodos

Esta pesquisa é construída mediante abordagem qualitativa, tal método se ocupa da realidade social, a partir de uma investigação sobre a esfera de significados, valores e representações (Minayo, 2009).

Nossa pesquisa articula contribuições entre diferentes estudos, construímos uma revisão narrativa. Não se trata de uma revisão sistemática. Para Rother (2007), a revisão narrativa se ocupa de uma análise crítica e interpretativa a partir de diferentes textos, livros e artigos que dissertam sobre um tema em comum. A revisão narrativa não visa a esgotar todas as fontes e discussões a respeito do tema selecionado.

Foi efetuada uma busca no portal *Scielo* por meio de palavras-chaves como “socialização mulher”, “socialização feminino” e “socialização feminilidade”. No que concerne ao *Scielo*, considerando artigos mais recentes (2022 e 2023) publicados em periódicos do Brasil, encontramos o total de cinco (5) estudos. Analisamos tais pesquisas de maneira mais criteriosa. Desses, apenas dois (2) foram incluídos, o restante não contribui significativamente com o tema de nosso estudo. Embora a busca efetuada na plataforma *PePsic* apresente dezessete pesquisas, nenhuma dessas é referente aos últimos dois anos. A mais recente trata-se de 2019⁶, ao qual tende fugir do tema de nossas reflexões; os outros dezessete (17) estudos datam de 2016 e/ou mais antigos, portanto, desconsiderados. O quadro teórico de nossas reflexões é resultado das contribuições das autoras Fraser (2009), Zanello (2022), Federici (2019) e Kuss (2014; 2021).

Discussão e resultados

A seguir apresentamos a tabela de como ficou organizado o uso dos estudos consultados na plataforma *Scielo*.

Quadro I - Estudos analisados

Artigo	Tema	status	argumento inclusão/exclusão
Brandão (2023)	Análise das formas como o Governo brasileiro lida com políticas de prevenção de gravidez precoce	excluído	Analisa como políticas públicas desconsideram e silenciam a sexualidade na adolescência
Pena <i>et al.</i> (2023)	Estratégias de	excluído	Explora a necessidade de uso

⁶Referente ao trabalho de Cozzolino, Gatti e Salles (2019), uma análise sobre a percepção das mulheres no que diz respeito ao envelhecimento e, portanto, como expomos, não tem relação específica com nosso tema. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000100004&lng=pt&nrm=iso.

	prevenção para HIV		medicamentoso para jovens, referente a tratamento de HIV.
Warmling, Coelho e Lopes (2022)	Interpretação sobre a supervalorização masculina perpetrada pela psicanálise	incluído	A pesquisa efetua uma releitura da obra de Beauvoir para pensar o lugar da mulher.
Souza et al. (2023)	Explora os sentidos atribuídos pelas mulheres enquanto cuidadoras de idosos	incluído	Reflete sobre a naturalização da mulher enquanto função cuidadora e outros aspectos concernentes à identidade de gênero.
Noblet (2022)	A contrainvestida ditatorial sobre os direitos das mulheres	excluído	Apesar de discutir algum ponto relevante sobre a mulher, o estudo é específico sobre a ditadura franquista espanhola.

Ao longo dos próximos parágrafos discutimos o lugar da mulher no mundo contemporâneo, buscamos compreender melhor como se constrói subjetivamente, via socialização, a feminilidade.

O que as mulheres querem? Na música *Todas as mulheres do mundo*, Rita Lee⁷ alerta que “o que elas querem é poder” e a letra é seguida de uma variedade de possibilidades de ser mulher no mundo. Seu refrão reforça a ideia de que as mulheres só querem ser amadas e felizes. O que seria então esse poder? Podemos construir esse pensamento de duas formas diferentes, a primeira em uma perspectiva psicanalítica e a segunda em uma perspectiva feminista, com ênfase no social.

Pelo olhar da Psicanálise, a autoconsciência dos sujeitos a respeito de si mesmo não é o primeiro acontecimento da vida humana. Nascemos e sentimos como se fôssemos a única referência de quem nos cuida, ligamo-nos fortemente com a nossa mãe⁸. Subsequentemente, ao longo da vida passamos pelo processo de separação dolorido e de desamparo para que nos reconheçamos como si próprio (Kuss, 2021).

De acordo com a perspectiva psicanalítica, a partir do complexo de Édipo as mulheres vão carregar consigo uma inveja da posição masculina que seria materializada de forma falocêntrica. A construção no feminino é pensada a partir da configuração masculina, uma binaridade que traz a concepção de Lacan, isto é, de que a “mulher não existe” (Verceze, Cordeiro; 2019, p. 161). Nesse sentido, o feminino é considerado quase como um segundo sexo (Warmling, Coelho e Lopes, 2022).

Reconhecer a importância da perspectiva psicanalítica da construção de si pelo Outro. Esse Outro, dentro de uma sociedade capitalista, contém interesses econômicos que colocam a mulher em uma posição de inferioridade. Essa condição reflete várias formas de preconceitos nas relações que se estabelecem em sociedade, tais preconceitos se materializam em transfobia, atacando tudo aquilo que rompe com os padrões necessários dentro do capitalismo.

Salientamos o cuidado para não se “abraçar” a psicanálise de forma acrítica. Em uma releitura da filosofia de Simone de Beauvoir (Warmling; Coelho; Lopes, 2022) destaca-se que o olhar freudiano acabou deixando brechas para se compreender a mulher relativamente fadada a experimentar a vida de forma passiva. Ora, a concepção de feminino está sempre relacionada a um modelo masculino.

Para Beauvoir, o encontro com o outro trata-se de uma relação mediada por instituições assimétricas. Nesse sentido, sua crítica a Freud torna evidente que as instituições privilegiam uma das partes e que essa vantagem tende a fixar o Outro como inessencial (Cf. KRUKS, 1995, p. 84). Afirmando que a mulher é o segundo sexo, Simone ressalta que o feminino é o Outro desigual, produzido por uma socialização sexista estruturante permeada por instituições que reduzem a mulher ao corpo (Warmling; Coelho; Lopes, 2022, p. 7).

Historicamente, a mulher para se reafirmar e buscar autonomia precisou lutar na vida cotidiana e

⁷A artista Rita Lee angariou um histórico de perseguição contra si e sua produção artística, muito pelo fato de defender certa igualdade de gênero, ver mais em: <https://agenda.ufc.br/evento/rita-lee-todas-as-mulheres-do-mundo/>

⁸A noção de mãe é relativa à maternagem, qualquer indivíduo que socializa com a criança promovendo o cuidado.

também, de maneira indireta, enfrentar os efeitos das interpretações teóricas que, de certa forma, estabeleceram-se enquanto obstáculos.

A maneira como a mulher conseguiu modificar sua realidade, dentro da sociedade pautada no patriarcado, quase sempre incorre em muita luta. Ou seja, novas formas de existência para o feminino só se tornam reais a partir de organização e movimento social.

Um ponto relevante a contribuir para abertura sobre decisões de vida e que foi de certa forma revolucionário foi a criação de métodos contraceptivos. É evidente que isso exige um recorte de classe social e racial, visto que nem todas as mulheres⁹ possuem recursos eficazes e acesso a mecanismos para planejamento familiar.

No entanto, a possibilidade das mulheres de escolherem engravidar marca um acontecimento e um movimento muito importante na sociedade e nas suas próprias vidas. Ser mãe, para algumas, pode ser um fato agradável ou deixar de ser um fato, o que traz novas perspectivas de vida; agora a sexualidade pode ser mais explorada sem ter como objetivo ou risco a gravidez; pode-se fazer planejamentos futuros de carreira profissional e pensar um pouco mais em si. Porém, como fomos criadas com a ideia explícita de que parte fundamental das mulheres é sermos mães e que temos um papel fundamental de cuidado nas famílias, quando esse não é um “desejo” pessoal, o julgamento social se aplica como forma de correção dessa anormalidade, como se ser mulher automaticamente significasse ser mãe, como se ser mulher fosse um objeto a ser manipulado como forma de garantir que a estrutura social permaneça como ela foi criada para ser.

Portanto, o “dispositivo amoroso” contribui para que as mulheres amem os homens porque veem neles a única possibilidade de encontrarem aquilo que a vida toda foram levadas a acreditar, que serão realizadas e se sentirão completas ao estar ao lado de um homem com a sua família, quando na verdade esse sentimento que não passa pelo questionamento pode resultar e muitas vezes resulta em diversos tipos de violência. Mulheres que tentam levar seus casamentos adiante mesmo sofrendo diversas traições, diversos tipos de violências físicas e psicológicas, relacionamentos nos quais não se têm parceria e a maternidade se torna algo extremamente pesado e solitário. Logo, todos esses processos vão afetar a forma como as mulheres se veem (Zanello, 2022).

Podemos refletir como a naturalização do trabalho doméstico, da maternidade, da obediência, sobrecarregam as mulheres, e esse acúmulo de funções implica um certo esvaziamento da subjetividade. No entanto, as mulheres, como pessoas ativas, tentam ocupar algum lugar social. Do outro lado dessa tentativa, persiste o processo de naturalização das diferentes atividades no seio capitalista (Federici, 2019). Em certo sentido, a sociedade contemporânea está estruturada por atividades que empobrecem as possibilidades de subjetividades.

Leontiev traz a noção de que o trabalho constitui a linguagem e assim a humanidade, dentro do capitalismo, esse esvaziamento é causado pela transformação do trabalho em uma mercadoria (Bock, 2004). Ou seja, a atividade perde seu caráter de transformação da realidade passando a ser mera reprodução, trabalho esvaziado de sentido, o que retira a autonomia e potencialidade de criação de novas realidades.

Compreendemos que o trabalho doméstico na perspectiva naturalizante, próprio do capitalismo, faz a mulher se desconectar de seu caráter de humanidade, no sentido de produzir para si boa qualidade de vida. Coisificada, passa a funcionar como uma espécie de engrenagem dentro ou fora do espaço doméstico. A existência do feminino, historicamente, foi construída sobre os sentidos de servir o outro.

Essa forma de relacionar-se com outro reflete no relacionar-se consigo mesma, e a mulher invariavelmente tem sofrido com a opressão. É desse lugar que se situa a motivação dos movimentos feministas. Por muito tempo as mulheres se organizaram para destruir as corriqueiras práticas de “assédio sexual, tráfico sexual e desigualdade salarial” (Fraser, 2009, p. 13). Tais pontos, se antes eram pautas revolucionárias, acabaram por se tornar temas contemporâneos apoiados por boa parte da sociedade, embora, como afirma Fraser (2009), não conseguimos eliminar muitas das práticas violentas e misóginas. Há muito o que ser modificado na estrutura da sociedade capitalista, pois ela se sustenta, em grande medida, sobre a exploração do corpo da mulher (Fraser, 2009; Federici, 2019).

Percebe-se que há um jogo duplo o qual implica a mulher ocupar sempre o segundo plano, no quesito

⁹O estudo de Trindade et al. (2021) apresenta a disparidade entre mulheres brasileiras no que concerne ao acesso a métodos contraceptivos. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.2.24332019>.

valor, quando comparado ao homem. Segundo a perspectiva freudiana, a mulher sairá da relação edípica com uma perda que marcará sua subjetividade. A relação com a inveja do falo. No fluxo objetivo, no mundo da socialização capitalista, a mulher ocupará o lugar de ser chefiada por um homem.

Nas palavras de Fraser (2009, p. 16):

Seguiu-se que a cultura política do capitalismo organizado pelo Estado visualizava o cidadão de tipo ideal como um trabalhador masculino pertencente à maioria étnica – chefe e homem de família. Foi amplamente suposto, também, que o salário deste trabalhador deveria ser o principal, se não o exclusivo, sustento econômico de sua família, enquanto quaisquer salários ganhos pela sua esposa deveriam ser meramente suplementares.

Parece-nos que, as perspectivas teóricas, enquanto produção de conhecimento sobre a realidade, mostram-nos que a mulher tem estado fadada a ser suplemento de “outro” sempre mais importante do que ela.

Assim, o feminino tende a traduzir um modo subjetivo em que desejos e objetivos de vida são pautados apenas no outro. Isso faz com que o indivíduo, constituído mulher, perca muito de suas potencialidades. Se nas fases do desenvolvimento psicosssexual a mulher se espelha em uma realidade que a desconhece enquanto valor, implica-se o não reconhecimento de si e o empobrecimento do seu caráter humano. Aparentemente, as mulheres são ensinadas a desconsiderar sua interioridade em relação aos desejos e sonhos.

A síntese da relação entre as teorias que consultamos para nosso estudo persiste um aspecto feminino, produzido nas múltiplas relações, em que a subjetividade aponta para um abandonar-se pelo outro.

Recuperando a música “Triste, louca ou má”¹⁰, é possível compreender ou escutar esse sentimento de que ao tentar romper com moldes tradicionais somos marcadas como loucas, dramáticas, fracas. Tentar construir seu próprio caminho, como a música propõe, a luta contra as amarras se torna um processo doloroso. Buscar construir arranjos para o feminino que pressupõe maior liberdade tende a implicar certa solidão. Na leitura psicanalítica, a falta que não tem cura persiste e, por não ser adoecimento, deve ser enfrentada, e não curada.

Se para psicanálise somos seres de falta, percebemos que o capitalismo tem se aproveitado bem sobre esse aspecto, explora a falta. A questão é que para as mulheres isso implica a produção de um horizonte de exploração ininterrupta. Kuss (2014, p. 53), ao reler Lacan, lembra-nos que a falta tem a ver com privação, e que a privação “é de extrema importância” para nossa “relação com o mundo”. A grande questão que propomos é como evitar que essa falta/privação constituinte da mulher seja indevidamente utilizada em seu desfavor.

Mas longe de conceber que as mulheres vão experimentar a mesmíssima forma de sentir, alertamos que a forma de lidar com a falta, e com a exploração, ou seja, a forma do feminino não deve ser generalizada. Persiste ainda a maneira singular de cada mulher vivenciar o seu feminino. É a subjetividade irrepitível de cada mulher. As mulheres, na cultura contemporânea, compartilham de certas dores, desafios etc. Mas a elas cabe alguma autonomia para se construir de maneira singular. Propomos a impossibilidade de se estabelecer roteiros de vida que sejam aplicáveis a todas as mulheres. Nesse sentido, é relevante olharmos para a teoria psicanalítica e refletirmos sobre a “inveja do pênis”, sendo no caso uma expressão simbólica para que essa inveja na verdade fosse da posição de privilégio da masculinidade materializada na frase “o que elas querem é poder”, de Rita Lee.

Quando na teoria Freudiana é concebida a noção de que as mulheres, ao passar pelo complexo de Édipo, possuem uma inveja do pênis, essa inveja diz respeito ao poder e, conseguinte, sobre a liberdade. Em alguma medida, as mulheres anseiam e lutam para poder escolher.

É comum no discurso social dizer que as meninas amadurecem mais cedo, isso diz muito mais sobre um não poder, um não ser. Esse tipo de interpretação implica que as mulheres devem se tornar, o quanto antes, responsáveis por certos cuidados com o mundo. Adultizar a menina para explorá-la. Eis o veredito. Não poder errar, não poder escolher. O feminino é uma marca no corpo constantemente vigiado.

Retomando a relação própria do complexo de Édipo, concernente à mulher, pode-se interpretá-la como um modo de compreender a socialização em um período muito relevante para a sua subjetivação. Em sentido semelhante, na perspectiva feminista, podemos dissertar e compreender sobre relação/socialização na construção subjetiva da mulher. O que ressaltamos aqui é que, embora de base epistêmica distintas, a

¹⁰ Ver “Triste, Louca ou Má”, interpretada pela banda Francisco El Hombre, disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/analise-triste-louca-ou-ma/>.

psicanálise e a teoria feminista se preocupam com as formas de socialização as quais levam à construção da feminilidade.

Os dois prismas teóricos, psicanálise e feminismo, chegam a uma conclusão semelhante, a sociedade promove socialização para que a mulher funcione como uma espécie de débito com o mundo. Isso pode preparar “terreno” para que a subjetividade da mulher seja captada para uma lógica de servidão e alienação. Em outro sentido, a mulher, em relação ao outro, coloca-se quase sempre em segundo plano, lugar de desvalor.

Pelas suas raízes históricas e a intensidade que é reforçada pelas condições atuais, é praticamente impossível que cada mulher possa se desvencilhar desse dispositivo de configuração subjetiva. Conforme Warmling, Coelho e Lopes (2022, p. 8):

Ainda que fundamental, a ação voluntária não é suficiente para modificar o rigor de muitos costumes. Para além do individual, a mulher independente só pode surgir através de uma profunda transfiguração dos costumes, visto que sua situação não é somente sua, mas está interligada à condição das mulheres na sociedade.

Isso indica que de fato a reformulação ou destruição das formas de feminilidade que sustentam o estado de opressão e subserviência da mulher só poderá se dar via ação coletiva.

Considerações finais

Construímos nossa pesquisa no sentido de compreender melhor como a sociedade contemporânea promove a subjetividade marcada pelo feminino.

Em nosso percurso elaboramos diálogo teórico com distintas perspectivas para construirmos algumas respostas válidas ao nosso problema de pesquisa. Em certa medida, esse exercício é ressonante à nossa compreensão de como a Psicologia pode se atualizar, por meio de diálogos. Longe de afirmar de que possa haver concomitância uníssona entre Psicanálise e Psicologia, ou dessa última com teorias feministas, apenas acionamos contatos teóricos possíveis.

Dessa maneira, iniciamos a discussão com subsídios da Psicanálise para logo em seguida interlocuções, ou indagações, com o campo feminista, criticando concepções hegemônicas que impedem os “movimentos” das mulheres.

Destacamos que os distintos campos teóricos reafirmam a existência de um lugar negativo para a feminilidade. O trabalho de Zanello (2022) nos auxiliou a compreender o complexo dispositivo que tende a coisificar a mulher. Com Federici (2019), conseguimos compreender como se estabelece, no contexto capitalista atual, um corpo feminino constantemente à disposição de todo tipo de trabalho invisibilizado, lugar de desvalorização.

Acreditamos ter explorado de maneira específica a noção de feminilidade, e isso auxilia o campo da Psicologia como uma profissão. Que mulher é esta que nos chega buscando amparo? É o feminino construído para desidratar a autonomia da mulher.

A teoria psicanalítica deve ser considerada, sublinhamos a sua relativa atualidade com a releitura de Kuss (2014; 2021), visto que de longa data se faz, enquanto perspectiva teórico-prática, fundamental validar o desejo/existência da mulher. Contudo, deve-se recepcionar as elaborações conceituais psicanalíticas de maneira crítica para não cairmos na armadilha de replicarmos concepções tradicionais. Algumas noções teóricas podem se tornar caducas, permitindo reforçar a construção do aspecto feminino como algo natural.

Embora notemos a subjetividade marcada pelo feminino se apresentar relativamente esvaziada, em sentido de uma subjetividade em vias de adoecimento, historicamente as mulheres empreenderam significativas transformações da sua própria realidade. A luta pelo poder se traduz na busca pela liberdade e impulsiona as mulheres a buscar modelos de socialização subversivos do seu lugar tradicional de opressão.

Esse debate é urgente para pensarmos a formação em Psicologia, que, dentro de seu aspecto ético, deve preparar profissionais cientes da condição atual da mulher. Assim, apontamos a demanda de valorização de pesquisas e discussões teóricas/acadêmicas problematizadoras da estrutura da sociedade atual. Há que se questionar o dispositivo construtor da feminilidade subserviente, lugar de desumanização.

Referências

- BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Caderno do CEDES*, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-360067>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BRANDÃO, E. R. What to do with teenage sexuality? The anthropology of forms of government in Brazil. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 20, p. e20807, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412023v20d807>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos. *Resolução n.º 10/05*. 2014. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%81digo-de-%C3%89tica.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução*. tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo [1924]. In: Freud, S. *Obras Completas v. 16 - O eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 182-192, [1923 - 1925].
- KUSS, A. S. S. *Amor e desejo: um estudo psicanalítico*. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/37140/R%20-%20D%20-%20ANA%20SUY%20SESARINO%20KUSS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 out. 2024.
- KUSS, A. S. S. *Amor, feminino e solidão: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência*. 2021. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/handle/1/19618>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S (orgs). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-29.
- NERY, C.; BRITTO, V. *Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas*. Agência IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 18 out. 2024.
- NOBLET, B. História de una construcción social: lamujerenlosmanuales de ladictadura franquista. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 52, p. e08781, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/QGhDWnZ5WcYfc6RRv8T4rby/?lang=es#>. Acesso em: 11 out. 2025
- PENA, É. D. et al. When prevention is the best remedy: HIV pre-exposure prophylaxis (PrEP) among adolescents gays and transgender women in Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, Minas Gerais, v. 39, p. e00097921, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/jfPMB6tYHHMnjgsV3ZBgnG/?lang=en#>. Acesso em: 11 out. 2025
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-7. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/#>. Acesso em: 18 out. 2024.
- SOUSA, G. S. et al. Iniquidades de gênero entre cuidadoras de idosos dependentes. *Saúde e Sociedade*, Maceió, v. 32, n. 4, p. e220325pt, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/9H6kmJ7bydqDZ7nyTwWSVKz/?lang=pt#>. Acesso em: 18 out. 2024.

TRINDADE, R. E. *et al.* Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 3493–3504, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wYMBdngQjR9dRs48jbwjCVL/#>. Acesso em: 10 nov. 2024.

VERCEZE, F. A.; CORDEIRO, S. N. Feminilidade não toda: uma revisão sistemática de literatura. *Tempo psicanalítico*, v. 51, n. 2, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200008. Acesso em: 18 out. 2024.

WARMLING, D. L.; COELHO, M. G.; LOPES, P. H. Beauvoir e a crítica à supervalorização masculina na psicanálise freudiana. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. e77256, 2022. Disponível em: <https://scielo.br/j/ref/a/ktvH4qLtNjB5k9hjDWFGMK/?lang=pt#>. Acesso em: 2 nov. 2024.

ZANELLO, V. *Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Curitiba: Appris, 2022.

Recebido em: 10/12/2024

Aprovado em: 24/06/2025